

Abstract: This work aimed to analyze the black cyberactivism in the Instagram social media, thinking about this space whereas an educational and antiracist possibility. For this purpose, it was observed the profile “Tinha que ser Preto” (TQSP) (It had to be Black) in order to make considerations proposed in this work. Methodologically, it was realized a bibliographic study and analysis of the content of one of the posts of the profile aforesaid. As a result, it was observed that the page TQSP activates mobilization strategies in the struggle against racism through the promotion of knowledges which many times are not approached through school curricula, but they have been shown important for the Afro-Brazilian history and Culture. Bearing in mind the importance of the educational access for the black population, it was observed that the profile analyzed can be understood as an educational antiracist space.

Keywords: cyberactivism; racial relations, education; antiracism.

TENÍA QUE SER NEGRO! POSSIBILIDADES PARA UNA EDUCACIÓN ANTIRRACISTA A TRAVÉS DEL CIBERATIVISMO EN LA RED SOCIAL INSTAGRAM

Resumen: Este trabajo buscó analizar el activismo en la red social Instagram como una posibilidad educativa antirracista. Para eso, se observó el perfil “Tinha Que Ser Preto” (TQSP) para elaborar las consideraciones propuestas aquí. Metodológicamente, se realizó un estudio bibliográfico y se hizo también un análisis de contenido de una de las publicaciones del perfil anteriormente mencionado. Como resultado, se observó que la página TQSP acciona estrategias de movilización en la lucha contra el racismo por medio de la divulgación de los saberes que muchas veces no son abordados por los currículos escolares, pero que son importantes para la historia y cultura afro-brasileña. Llevando en consideración la importancia del acceso a la educación para la población negra, fue posible percibir que el perfil analizado puede ser entendido como un espacio educador antirracista articulado al Movimiento Negro brasileiro.

Palabras-clave: ciberativismo; relaciones raciales; educación; antirracismo.

IL FALLAIT QU’IL SOIT NOIR! POSSIBILITÉS D’ÉDUCATION ANTIRRACISTE PAR LE CYBERACTIVISME SUR LE RÉSEAU SOCIAL INSTAGRAM

Résumé: Ce travail a cherché à analyser le cyberactivisme noir sur le réseau social Instagram, en pensant cet espace comme une possibilité éducative et antiraciste. Pour cela, on a observé le profil « Tinha Que Ser Preto (TQSP) » (en libre traduction en français « Il fallait qu’il soit noir ») pour mener à bien les considérations proposées ici. Sur le plan méthodologique, une étude bibliographique et une analyse du contenu de l’un des postes du profil susmentionné ont été réalisées. Dans les résultats, on a observé que la page TQSP déclenche des stratégies de mobilisation dans la lutte contre le racisme par la diffusion de savoirs qui ne sont souvent pas abordées dans les programmes scolaires, qui sont par contre très importants pour l’histoire et la culture afro-brésiliennes. Compte tenu de l’importance de l’accès à l’éducation pour la population noire, on a constaté que le profil analysé peut être compris comme un espace éducatif antiraciste.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma análise sobre o ciberativismo negro, refletindo sobre as possibilidades desta forma de ativismo para a construção de processos educativos antirracistas. Para tanto, observamos o perfil “Tinha Que Ser Preto” (TQSP) na rede social Instagram, plataforma criada no ano de 2010 para o compartilhamento de imagens e vídeos, acompanhadas ou não por legendas em forma de textos ou *emojis* (desenhos de animais, comidas, símbolos, ou que expressam sentimentos).

Tendo em vista as diversas formas de atuação do Movimento Negro brasileiro na sociedade (política, religiosidade, artística, protestos de rua etc.), parte-se do pressuposto de que as ações de combate ao racismo nas redes sociais também são possibilidades de operação desse movimento. Ademais, ao observar postagens em redes sociais que trazem informações pertinentes sobre as relações raciais, consideramos que as mesmas nos aproximam de conhecimentos muitas vezes negligenciados em instituições de ensino. Sendo assim, além de um espaço de ativismo antirracista, pode ser ainda um espaço educador.

Amilcar Araujo Pereira e Thayara C. Silva de Lima (2019) tecem um diálogo sobre as diversidades de atuações do Movimento Negro na contemporaneidade e o papel das tecnologias nessa conjuntura. De acordo com o autor e a autora, as tecnologias têm ocupado um importante lugar “na estruturação e na renovação das dinâmicas de poder”, tornando evidente através delas “o surgimento e disseminação de novas formas de ação e de performance que promovem a potencialização da circulação de polifônicas narrativas, sobretudo as de raça, gênero, sexualidade” (PEREIRA; LIMA, 2019, p. 8). Desta forma, observamos que as tecnologias digitais estão possibilitando a ampliação de formas de debates, comunicações e expressões de lutas do movimento negro, que se utiliza do espaço virtual como uma das estratégias para ecoar suas demandas e reivindicações.

O ciberespaço, ou seja, o espaço de comunicação virtual por meio do uso de tecnologias digitais, pode ser entendido como uma possibilidade de veiculação de histórias e vivências que muitas vezes não são consideradas relevantes pela cultura dominante. Trata-se de um local complexo, assim como é o mundo real, com divergências, conflitos e reprodução de discursos hegemônicos e preconceituosos. O

ciberativismo é um termo utilizado para designar “um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais realizadas principalmente na internet” (COUTO JÚNIOR; VELLOSO; SANTOS, 2020, p. 98), integrando estratégias de ações de coletivos por igualdade e justiça social, mas não sem tensionamentos.

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, teve como metodologia um estudo empírico em conjunto ao estudo de caso para a construção dos dados. Buscamos, assim, conforme Mirian Goldenberg (2004) ao falar sobre as especificidades desse método de pesquisa, reunir informações detalhadas de um caso específico (uma postagem no perfil escolhido), para apreender a totalidade de uma determinada situação (o ciberativismo negro educador pelo *Instagram*). A observação do perfil e postagens nos serviu de base para o estudo do caso aqui proposto, autorizadas previamente pelo administrador do perfil. Fizemos capturas de telas da postagem e comentários e para preservar o anonimato das, des e dos seguidores do perfil, colocamos tarjas em suas fotos e nomes de usuários.

O objetivo da pesquisa foi analisar como a ação de pessoas e/ou coletivos negros nas redes sociais também podem ser descritos como uma possibilidade de ativismo e em que medida estes mesmos compõem movimentos educativos antirracistas no ciberespaço. Os critérios para a escolha do perfil *Tinha Que Ser Preto (@tinhaqueserpretooficial)* como lócus da nossa pesquisa incluíram: número expressivo de seguidores; interações constantes e mútuas do público e administrador do perfil nos comentários das postagens; publicações com posicionamento explicitamente antirracista; e apresentação de conteúdos envolvendo informações e dados sobre as relações étnico-raciais, além de histórias de personalidades negras (principalmente brasileiras) que atuaram em diversos segmentos sociais.

No *Instagram*, caso a pessoa que administra o perfil opte, poderá trazer uma breve biografia para falar seu nome, localização, preferências, categoria³, ocupação, adicione links que redirecionem para blogs ou outras redes etc. O perfil *Tinha Que Ser Preto* não possui categorias descritas em seu perfil e não apresenta diretamente quem é ou são administradores e/ou administradoras da página. Entretanto, ao entrarmos em contato

³ No *Instagram*, cada perfil pode se inserir em determinadas categorias, identificando assim as suas principais intenções na rede social. Há perfis, por exemplo, que são autodenominados como “blog pessoal”, indicando que a pessoa que o administra pode publicar detalhes do seu dia a dia. Há ainda categorias educacionais, empresariais, culturais, o que também auxilia o público a “seguir” determinados perfis de acordo com aquilo que buscam.

para informarmos sobre o desejo e solicitação de autorização para a realização da pesquisa, conhecemos João Netto, o criador e administrador do perfil. A biografia do perfil apresenta os dizeres: “Desde 2015 contando a história do povo preto brasileiro”, “Conhecimento é poder” e “DF ♪ SSA ♪ SP ♪”. A primeira frase traz elementos como a data de criação do perfil e o seu objetivo, sendo este contar histórias de pessoas negras que tiveram contribuições em diversos setores (política, artes, esportes, religião) na sociedade, principalmente no Brasil. A segunda frase evidencia o lugar ocupado pelo conhecimento de acordo com as pessoas que administram o perfil: poder. Este poder, porém, pode ser entendido não somente como opressor, mas um poder que ressignifica vivências. Os últimos elementos da biografia sugerem as localidades das pessoas parceiras na administração do perfil: DF – Distrito Federal, SP – São Paulo e SSA – Salvador/Bahia.

Para organizar as argumentações aqui propostas, o artigo foi estruturado da seguinte forma: inicialmente, problematizamos as questões raciais no Brasil no contexto educacional, pensando as ausências dessas discussões nos currículos. Na segunda sessão, abordamos o papel do ciberativismo enquanto possibilidade de evidenciar o racismo e criar estratégias de erradicação da problemática, inclusive por meio da educação. A terceira sessão traz um exemplo do ciberativismo antirracista e educativo na rede Instagram, por meio do perfil *Tinha Que Ser Preto*. Encerramos com as considerações finais, não como um desfecho absoluto, mas como possibilidade para possíveis análises futuras.

RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO

A Lei 10.639, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2003, constituiu um marco em termos de políticas de promoção da igualdade racial no Brasil, ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas do país. Posteriormente, ela foi alterada pela Lei 11.645/08, que determinou a inclusão do ensino da História e Cultura Indígena nos currículos escolares. Há de se considerar a Lei 10.639/03 como uma importante conquista dos e para os movimentos antirracistas, além de um marco em termos de políticas de ações afirmativas. A inclusão de conteúdos significativos sobre os termos que tratam a lei pode contribuir para reflexões sobre as relações raciais, ultrapassando a imagem construída

sobre o negro apenas como sujeito escravizado, possibilitando ainda a compreensão das contribuições históricas dessa população em nossa sociedade.

Mesmo passados quase vinte anos de sua implementação, resistências ou falta de preparo para diálogos responsáveis sobre as relações étnico-raciais na sala de aula podem comprometer os objetivos da lei. Ademais, o racismo se manifesta, dentre outras formas, na contínua reprodução de saberes produzidos especialmente por homens brancos europeus tidos como “clássicos”, ao mesmo tempo em que questiona ou apenas negligencia conhecimentos construídos por intelectuais negros/as e/ou de origem do continente africano.

Deste modo, é constante a ação de ativistas negros e negras por uma educação antirracista, propondo e efetivando a circulação de conhecimentos por vezes não acionados em espaços institucionais de ensino. Para suprir essas lacunas que deveriam ser, em tese, superadas a partir de políticas públicas (formação continuada para professoras e professores, mudança curricular nos cursos de licenciatura, por exemplo), dentre as iniciativas individuais e coletivas historicamente construídas para tal, observamos como o fenômeno do ciberativismo também tem sido importante nesse processo.

Nilma Lino Gomes, em seu livro “Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação” (2017), lembra que na época da escrita do referido material ocorriam profundas mudanças políticas⁴ e econômicas que afetaram diretamente os rumos da democracia no Brasil. A autora afirma que, apesar de que para algumas pessoas isso pode ter significado o enfraquecimento dos movimentos sociais, eles continuaram atuando “como protagonistas políticos da emancipação social e como faróis que brilham em tempos tenebrosos, mostrando o caminho para aqueles que lutam pela emancipação social e pela democracia” (2017, p. 16).

Além da importância na esfera política, a atuação dos movimentos também atinge, direta ou indiretamente, espaços como o campo da educação. Isso pode ser observado, por exemplo, ao indagarem o conhecimento científico, fazerem emergir novas temáticas e questionando determinados conceitos firmados como padrões e que não

⁴ Uma das transformações ocorridas no período em questão e que ocasionou profundas mudanças econômicas no país, foi o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff ocorrido em 31 de agosto de 2016, tirando-a da presidência e ficando em seu lugar seu vice, Michel Temer.

Esse processo de dominação, expropriação e imposição cultural, científica e epistêmica permanece vigente atualmente nos materiais didáticos, currículos, eleição dos heróis nacionais, dentre outros símbolos que ressaltam aqueles (pois em sua maioria homens) tidos como vencedores e consequentemente que irão ditar as normas, regras e condutas sociais, culturais, políticas e educacionais. Catherine Walsh (2009) tece considerações sobre as consequências da colonialidade e algumas de suas formas de manifestação, como a colonialidade do poder, que se sustenta na naturalização das supostas posições de inferiorização de sujeitos pertencentes à determinados grupos sociais e/ou raciais; do ser, uma suposta superioridade “natural” de sujeitos em relação a outros; do saber, que busca estabelecer a hegemonia de um conhecimento e dos sujeitos

que o constroem, havendo a sistemática e estrutural desconsideração das diferentes formas de produção de saberes no mundo, assim como daqueles/as que os produzem; e por fim, a colonialidade cosmogônica, que se manifesta na tentativa de estabelecer um único modo de experienciar o mundo e as concepções filosóficas sobre suas origens. Trata como primitivo as concepções cosmogônicas e espirituais que se distanciam das lógicas racionais eurocêntricas.

Neste ponto, aproximamos as argumentações com as críticas de Boaventura de Sousa Santos (2002) à um projeto de racionalidade ocidental denominada razão indolente. Esta, por sua vez ocorre de quatro formas: pela razão impotente, razão arrogante, razão metonímica e a razão proléptica. Nesta pesquisa, nos fixaremos às críticas à razão metonímica, uma tentativa de representar todo o conjunto de saberes e valores produzidos na sociedade numa perspectiva única. Ela impede que algumas vivências que compõem o mundo possuam vida própria, só viabilizando suas emergências a partir da dicotomia em comparação com o padrão hegemônico. Assim, só existiria a mulher a partir do homem, o oriente a partir do ocidente, o negro a partir do branco. Porém, cada uma dessas “partes” possui sua totalidade de experiências. São saberes produzidos a partir de vivências próprias e contextualizadas.

A crítica da razão metonímica é, pois, uma condição necessária para recuperar a experiência desperdiçada. O que está em causa é a ampliação do mundo através da ampliação do presente. Só através de um novo espaço-tempo será possível identificar e valorizar a riqueza inesgotável do mundo e do presente. Simplesmente, esse novo espaço-tempo pressupõe uma outra razão (SANTOS, 2002 p. 245).

Numa proposta de superação da razão metonímica, Santos (2002) elabora a Sociologia das Ausências e das Emergências. A Sociologia das Ausências visa demonstrar que as ausências e não-existências são produzidas como tal, sendo necessário transformá-las em presenças. A Sociologia das Emergências consiste em substituir um futuro vazio de existências por perspectivas diversas, simultâneas. Consideramos nesta pesquisa as movimentações negras como possibilidades de evidenciar as ausências provocadas pela colonialidade do poder e emergir os saberes que compõem o universo de experiências dessas populações. E o ciberativismo será o meio analisado que viabilizaria esse processo.

CIBERATIVISMO E A LUTA ANTIRRACISTA

Com o avanço do uso de tecnologias digitais e do acesso à internet, vemos cada vez mais as redes sociais como um espaço de performances e ecoar de vozes e vivências diversas. Por exemplo, o ativismo de mulheres negras nas redes tem sido um fenômeno expressivo, podendo ser visto por meio da representação positiva sobre seus cabelos e corpos muitas vezes hiperssexualizados, desmistificando preconceitos que atravessam as suas trajetórias e empoderando crianças, para que encontrem representações positivas sobre suas peles e traços. Além disso,

Ao mobilizar reflexões acerca de assuntos como racismo, machismo (além de outros como lesbofobia, transfobia, gordofobia) a partir de experiências pessoais, situações cotidianas, casos midiáticos e tendo por base a produção de acadêmicas negras brasileiras e norte-americanas especialmente, as mulheres negras em atuação na web tem desenvolvido uma produção que confronta as bases epistemológicas de orientação etnocêntrica e que se constitui como contranarrativas ao discurso hegemônico que invisibiliza e silencia a experiência negra e feminina (LIMA, 2019, p. 15).

No caso da educação, Lopes e Figueiredo (2018) consideram que o cibercampo, mais especificamente as redes sociais, podem ser uma possibilidade para debates importantes para uma educação antirracista. Para elas, pensar uma educação antirracista ultrapassa as salas de aula, sendo importante que chegue também até as redes sociais, que têm sido palco de inúmeros casos de racismo e outras formas de preconceitos e violências. Sendo assim, além de constituir um espaço para compartilhamento de saberes, o ciberespaço também atua para um ativismo dentro do próprio campo virtual, pois não é possível negligenciar o racismo que ali também se operacionaliza.

Para Dilton Ribeiro Couto Junior, Luciana Velloso e Rosemary dos Santos (2020), docentes também aprendem com as resistências dos movimentos sociais nas redes. Para os autores e a autora, os coletivos são “[...] responsáveis por forjar novas subjetividades e ampliar as possibilidades de arenas de debates, numa polifonia rizomática cujos contornos ainda principiamos por compreender a dimensão e os desdobramentos” (COUTO JÚNIOR; VELLOSO; SANTOS, 2020, p. 104).

Ainda de acordo com o autor e as autoras, as redes sociais podem ser poderosos canais de divulgação e circulação de informações de modo colaborativo e para um público considerável. *YouTube*, *Instagram* e *Facebook*, por exemplo, podem ser espaços de entretenimento, comunicação, trocas de conhecimentos ou manifestações políticas. Neste último caso:

conhecimentos que ultrapassam aqueles produzidos e divulgados pela cultura hegemônica.

Deste modo, ao falarem sobre si e expressarem as próprias percepções sobre suas vivências, determinados grupos contradizem imaginários deturpados, como aqueles que afirmam que não possuem vozes ou histórias. Assim, geram conhecimentos por meio do processo de comunicação via internet, “[...] contribuindo para uma apropriação identitária, incitando reflexões, contradições, intervenções e negociações entre os próprios envolvidos – agora, produtores consumidores ou ‘prosumidores’, consumidores que também produzem conteúdos” (FREITAS, 2015, p. 612-613). Tendo isso em consideração, partimos para um aprofundamento do fenômeno do ciberativismo a partir das experiências do perfil Tinha Que Ser Preto.

INSTAGRAM E POTENCIALIDADES NEGRAS: TINHA QUE SER PRETO!

Observamos as publicações do perfil do Instagram Tinha Que Ser Preto e nos vimos em um dilema sobre qual abordagem seguir, tendo em vista a multiplicidade de diálogos possíveis a partir das postagens. Chegamos, então, ao dia 15 de outubro de 2021, Dia Nacional dos Professores. Essa data que não é só homenagem, mas também dia de luta pelo respeito aos direitos dessa classe profissional. Diversas manifestações nas redes sociais aconteceram nessa ocasião, tendo o TQSP preparado também uma postagem para o momento e que destacamos a seguir:

Imagem 1:⁶ Capa da publicação sobre o Dia dos Professores (TQSP)



Fonte: Tinha Que Ser Preto (2021)

⁶ A imagem diz: “Personalidades pretas que fizeram história na educação”. Na legenda da foto do Instagram, lemos: “Neste Dia dos Professores, vamos relembrar alguns nomes do passado que fizeram a diferença. Lembre-se: ninguém paga conta com amor. Valorize cada profissional da educação”.

A publicação é composta por dez imagens, sendo a primeira delas a capa acima e a última, um fundo preto com os dizeres “Gostou? Curta, comente, compartilhe, salve”. As outras imagens trazem as fotos e breves relatos sobre as histórias de Antonieta de Barros (imagem 2), Hemérito José (imagem 3), Maria Firmina (imagem 4), Milton Santos (imagem 5), Maria Nicolas (imagem 6), Lélia Gonzáles (imagem 7), Abdias Nascimento (imagem 8) e Maria Beatriz Nascimento (imagem 9), respectivamente, conforme a seguir:

Imagem 2:⁷ Antonieta de Barros

Imagem 3:⁸ Hemérito José



Fonte das imagens: Tinha Que Ser Preto (2021)

⁷ Texto da imagem 2: Antonieta de Barros: Eleita primeira deputada negra brasileira e primeira deputada mulher do estado de Santa Catarina, a educadora Antonieta apresentou um projeto de lei que criava o Dia do Professor no estado de Santa Catarina em 15 de outubro. Mais tarde, a data passaria a ser celebrada em nível nacional. Antonieta era defensora dos direitos das mulheres, da educação para todos e do respeito e reconhecimento da cultura negra.

⁸ Texto da imagem 3: Hemérito José: Hemérito foi o primeiro professor negro do Instituto de Educação na então capital federal Rio de Janeiro, que na época ainda era capital do Brasil. Foi uma pessoa à frente de seu tempo, defendia que a educação era um direito de todas as pessoas, inclusive os escravizados que eram proibidos de estudar.

Imagem 4:⁹ Maria Firmina



Imagem 5:¹⁰ Milton Santos



Fonte das imagens: Tinha Que Ser Preto (2021)

Imagem 6:¹¹ Maria Nicolas



Imagem 7:¹² Lélia Gonzales



Fonte das imagens: Tinha Que Ser Preto (2021)

⁹ Texto da imagem 4: Maria Firmina: a primeira romancista brasileira queria revolucionar a educação. Ao se aposentar, no começo da década de 1880, criou a primeira escola mista gratuita do estado do Maranhão, na qual voltou a dar aulas, mas que logo em seguida foi fechada pelo “escândalo” de se ter meninas e meninos estudando juntos no século 19.

¹⁰ Texto da imagem 5: Milton Santos: o professor Milton Santos foi um dos maiores pensadores brasileiros. Com o golpe militar de 64 ele foi preso e exilado na França, onde lecionou durante três anos. Isso não impediu que o mestre se tornasse uma referência mundial, recebendo diversos prêmios, títulos, medalhas e homenagens, em especial o prêmio Vautrin Lud, considerado o “Nobel da geografia”, em 1994.

¹¹ Texto da Imagem 6: Maria Nicolas: além de se dedicar na educação, a professora Dona Maria Nicolas, também atuava como poetisa, novelista, contista, dramaturga, teatrologa, biógrafa, pintora e historiadora.

¹² Texto da Imagem 7: Lélia González: uma das maiores intelectuais brasileiras, foi também política, professora, antropóloga e se tornou uma das principais responsáveis pela introdução do debate sobre o racismo nas universidades brasileiras, além de ter ser [sic] uma referência no Brasil e no mundo na luta das mulheres pretas e no combate ao racismo.

Imagem 8:¹³ Abdias Nascimento **Imagem 9:**¹⁴ Beatriz Nascimento



Fonte das imagens: Tinha Que Ser Preto (2021)

Não pretendemos adentrar em cada uma das personalidades apresentadas, mas na significação da postagem como um todo. Se ao longo dos anos escolares, parte da população pouco aprendia sobre o protagonismo negro ao longo da história e suas ações sociais, o perfil TQSP nos apresenta exemplos concretos de como essas pessoas também contribuíram e contribuem para uma sociedade mais justa e no caso específico da publicação escolhida para essa análise, no campo educacional.

Fabiana Ferreira de Lima (2018), lembra que se até o momento a invisibilidade do negro na história cumpriu o seu papel, a superação da problemática deve ser realizada por meios aos quais a sociedade tenha acesso, como currículo escolar, mídia ou pelas políticas públicas, por exemplo. Para ela, é necessário haver um processo de desnaturalização do olhar sobre o sujeito negro na sociedade, a saber em espaços de marginalização e subalternização, pois não há naturalidade nisso, sendo esse olhar intencionalmente criado e reproduzido por um projeto de implementação de poder. Nesse sentido, a autora considera que a Lei 10.639/03 seja um dos caminhos possíveis para “[...] colaborar de maneira decisiva para o desenvolvimento de conhecimentos mais

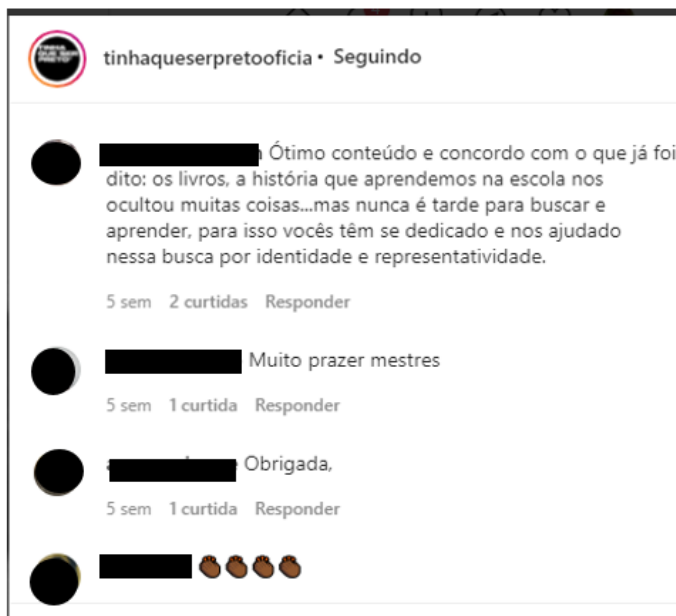
¹³ Texto da imagem 8: Abdias Nascimento: Abdias foi ator, poeta, dramaturgo, artista plástico, político e ativista pelo povo preto. Foi o criador do Teatro Experimental do Negro – TEN, que permitia a presença de negros na dramaturgia sem ser limitada apenas a papéis estereotipados. TEN também organizava aulas de alfabetização e cultura geral para a comunidade negra, focada especialmente nos adultos.

¹⁴ Texto da imagem 9: Beatriz Nascimento: nossa educadora foi uma das maiores pesquisadoras que o Brasil já teve, além de historiadora ela era roteirista, poeta e ativista pelos direitos das mulheres e do povo preto.

fundamentados acerca dos personagens negros da História, sua ancestralidade, cultura, tecnologias próprias de seu povo, diversificados conhecimentos etc” (LIMA, 2018, p. 18).

A invisibilidade citada pela autora supracitada nos remete ao que já refletimos neste artigo sobre a colonialidade dos saberes e a necessidade de evidenciar as ausências que foram sistematicamente produzidas e trazer à tona as contribuições da negritude no campo educacional. Utilizar a rede social *Instagram* como canal de compartilhamento da memória de sujeitos que tiveram contribuições pertinentes para os rumos de nossa história é, na medida do possível no ciberespaço, uma possibilidade de socializar e democratizar saberes apagados de nossos currículos, livros e outros tipos de registros oficiais. E essas ausências são sentidas quando “descobertas”, como se as peças de um grande quebra-cabeça fossem, aos poucos, encaixadas, desvelando a amplitude de uma imagem até então incompleta e distorcida. Isso pode ser observado nos comentários da postagem analisada, onde es, as e os seguidores do perfil afirmam conhecer pouco ou nada sobre as personalidades apresentadas, parabenizam pelo conteúdo por meio de palavras ou uso de *emoticons* e agradecem pela postagem.

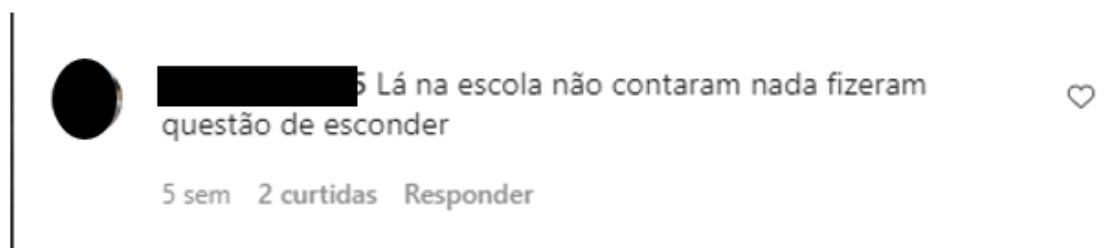
Imagem 10:¹⁵ Comentários na postagem sobre o Dia dos Professores



Fonte: Tinha Que Ser Preto (2021)

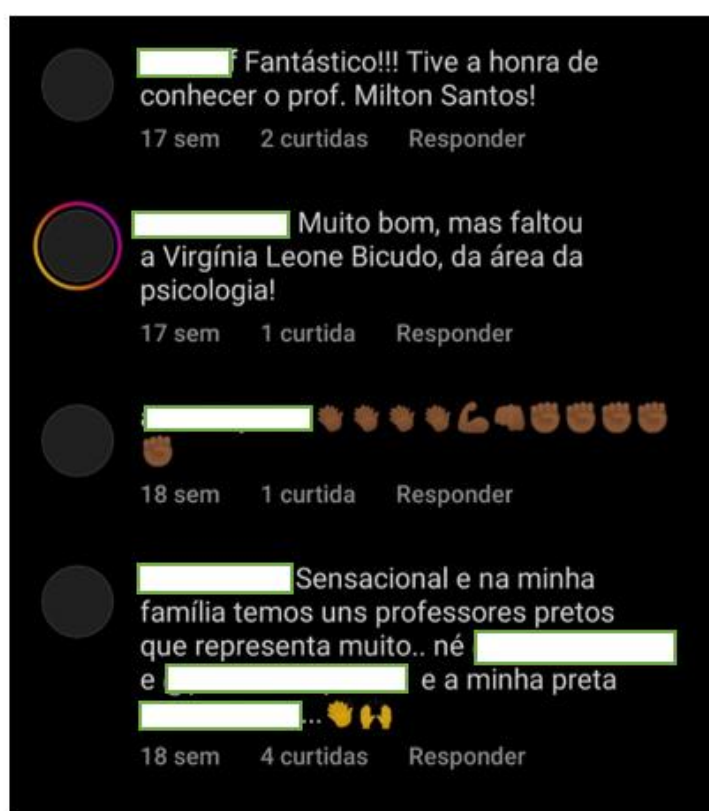
¹⁵ Comentários na imagem 10: [sic] “Ótimo conteúdo e concordo com o que já foi dito: os livros, a história que aprendemos na escola nos ocultou muitas coisas... mas nunca é tarde pra buscar e aprender, para isso vocês têm se dedicado e nos ajudado nessa busca por identidade e representatividade”; “Muito prazer mestres”; “Obrigada”, *emojis* de palmas com as mãos.

Imagem 11:¹⁶ Comentários na postagem sobre o Dia dos Professores



Fonte: Tinha Que Ser Preto (2021)

Imagem 12:¹⁷ Comentários na postagem sobre o Dia dos Professores



Fonte: Tinha Que Ser Preto (2021)

Os comentários de quem segue o TQSP recebem interações da administração do perfil com curtidas e/ou respostas, o que transmite uma relação de atenção e respeito com os seguidores. Em alguns casos, em outras postagens, observamos que nem sempre há

¹⁶ Comentário na imagem 11: [sic] “Lá na escola não contaram nada fizeram questão de esconder”.

¹⁷ Comentários na imagem 12: [sic] “Fantástico!!! Tive a honra de conhecer o prof. Milton Santos!”; “Muito bom, mas faltou a Virgínia Leone Bicudo, da área de psicologia”; “Sensacional e na minha família temos uns professores pretos que representam muito... né [...] e a minha preta [...]”

um consenso entre seguidores e administração do perfil em relação ao tema ou legenda da publicação. Porém, há diálogos respeitosos entre as partes, de forma que não há posicionamentos arrogantes ou “cheios da razão”, sendo incentivados o diálogo e a construção coletiva.

Em grande parte das vezes, os comentários expressam admiração, agradecimentos e momentos de identificação por parte dos seguidores do perfil, conforme observamos nas imagens anteriores. Interessante apontar que, além do que já ressaltamos, es, os seguidores e as seguidoras se identificam com a páginas suas postagens de tal modo que também citam pessoas próximas como referências no campo da educação (imagem 12). Além disso, em alguns casos observamos certa indignação pelo fato de não ter tido contato com essas informações no período escolar, como expressado no comentário presente na imagem 11, onde a pessoa afirma que a escola fez questão de esconder os fatos da postagens. Não podemos aqui afirmar sobre suposta atitude deliberada por parte da escola, nem temos condições para isso. Mas consideramos importante trazer essa possibilidade de reflexão sobre tais ausências no espaço escolar e suas possíveis causas.

A partir do conteúdo apresentado e do valor atribuído ao mesmo pelas pessoas que acompanham o perfil TQSP, consideramos a página enquanto um agente ciberativista do movimento negro e a postagem em questão um conteúdo educador antirracista. Lopes e Figueiredo (2018) lembram que a dimensão educativa antirracista por meio do ciberativismo tem tido um papel decisivo no combate ao racismo, tendo em vista a amplitude dos debates no ciberespaço e as diferentes pessoas que possam ter acesso a esses discursos.

Outro aspecto importante salientado pelas autoras é o que elas chamam de “oportunidade de escrita”, “[...] que vai além da academia e adentra os movimentos sociais, fortalecendo a compreensão de que o conhecimento pode e, é produzido em diversos espaços” (LOPES; FIGUEIREDO, 2018, p. 19). Neste aspecto, ressaltamos as legendas das imagens e postagens do perfil TQSP que informam de forma acessível e em tom casual, sem deixar de apresentar os fatos. O retorno do público acaba seguindo a mesma linha, o que oferece um tom de conversa para as interações e trocas de informações do perfil.

Retomando as notas da sua biografia, “Desde 2015 contando a história do povo preto brasileiro” e “Conhecimento é poder”, consideramos que o viés educativo antirracista do TQSP está explícito na postagem analisada nesta pesquisa. O

conhecimento socializado pela rede é ainda uma oportunidade para aprimoração de uma educação antirracista em espaços institucionais, abrindo portas para educadoras e educadores pensarem as possibilidades de aplicação da Lei 10.639/03 na sala de aula. Conhecimento é poder quando democratizado e socializado de forma justa, sem omissões deliberadas. O poder que este oportuniza, neste sentido, é para a sociedade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as ausências epistemológicas observadas nos espaços institucionalizados de ensino, a construção de lugares onde vemos o ressoar das narrativas historicamente apagadas é uma urgência. Os caminhos para uma educação antirracista precisam ser divulgados e as estratégias para que ela se concretize fortalecidas.

O ciberativismo, enquanto uma dessas possibilidades, nem sempre é o lugar mais acessível, tendo em vista o que já citamos sobre a internet ainda não ser um canal democrático de comunicação, apesar da suposta “horizontalidade” das redes. Mas este tem sido um espaço que, ao mesmo tempo, tenta superar as ausências nas mídias hegemônicas.

Nos prints dos comentários, usamos tarjas para preservar as identidades das pessoas que seguem a página. Mas, apesar de não termos uma percepção visual próxima a essas pessoas, observamos que grande parte dessas/desses seguidores e seguidoras são negras, negres e negros. Isso demonstra que essa população tem interesse em saber sobre sua própria história.

O perfil *Tinha Que Ser Preto* é apenas uma dentre muitas iniciativas de luta e ativismo virtual antirracista. Cada vez mais negras e negros conquistam espaços, porém, não sozinhos. As redes estabelecidas no ambiente virtual se corporifica no mundo real. É aqui que esperamos as práticas sendo realmente concretizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. VELLOSO, Luciana. SANTOS, Rosemary dos. Os movimentos ciberativistas de (re)existência nas redes sociais e suas implicações para a educação. *Revista Teias*, v. 21, n. 60, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/48628>. Acesso em: 14/11/2022.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e Eurocentrismo. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

FERREIRA, Suiane Costa. Apartheid digital em tempos de educação remota: atualizações do racismo brasileiro. *Interfaces Científicas*, Aracaju, V.10, n.1, p. 11 – 24, Número Temático – 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9045>. Acesso em 14/11/2022.

FREITAS, Ricardo Oliveira de. Jovens de terreiros: ciberativismo e protagonismo juvenil entre integrantes de religiões afro-brasileiras em Salvador e região metropolitana. *Educere et Educare*, vol. 10, Número 20 - Jul/ Dez. 2015, p. 611 – 623. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/12601>. Acesso em 14/11/2022.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8ª ed. Rio de Janeiro – Record, 2004.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LIMA, Fabiana Ferreira. “Personalidades negras?! Só conheço Zumbi, professora!” - A construção do “herói” e a invisibilização do negro na história. *Revista da ABPN*, v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: História e Cultura Africana e Afro-brasileira – lei 10.639/03 na escola, maio de 2018, p.05-21. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/383>. Acesso em: 14/11/2022.

LIMA, Dulce. Feminismo negro e ciberativismo no Brasil. *Entropia*, Rio de Janeiro. Vol. 3, nº6, Julho/Dezembro/2019, págs. 05 – 21. Disponível em: <https://www.entropia.slg.br/index.php/entropia/article/view/392>. Acesso em: 14/11/2022.

LOPES, Dailza Araújo. FIGUEIREDO, Angela. Educação antirracista e ciberativismo: experiência de coletivos de mulheres negras crespas e cacheadas no Facebook e em Salvador/BA. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 59: 15-22, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/4883>. Acesso em: 14/11/2022.

MONTEIRO, Everson Umada. NAKAZATO, Michele. MARTINS, Gerson Luiz. Ciberativismo indígena: uma análise da página do Aty Guasu no Facebook. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, RJ. 4 a 7/9/2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0952-1.pdf>. Acesso em: 14/11/2022.

PEREIRA, Amilcar Araujo; LIMA, Thayara C. Silva de. Performance e Estética nas Lutas do Movimento Negro Brasileiro para Reeducar a Sociedade. *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v. 9, n. 4, e91021, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/91021>. Acesso em: 14/11/2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, outubro 2002, p.237-280. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1299961>. Acesso em: 14/11/2022.

TENENTE, Luiza. 30% dos domicílios no Brasil não têm acesso à internet; veja números que mostram dificuldades no ensino à distância. *G1*, 26 mai. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/26/66percent-dos-brasileiros-de-9-a-17-anos-nao-acessam-a-internet-em-casa-veja-numeros-que-mostram-dificuldades-no-ensino-a-distancia.ghtml>>. Acessado em: 02 nov. 2021.

TINHA QUE SER PRETO. Neste dia dos professores, vamos lembrar alguns nomes do passado que fizeram a diferença. 15 out. 2021. *Instagram*: @tinhaqueserpretooficial. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CVECL87JfTK/>>. Acessado em: 31 mar. 2022.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e pedagogia de colonial: in-surgir, reexistir e reviver. In: CANDAU, Vera Lúcia (org). *Educação Intercultural na América Latina*: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2009.

Recebido em: 22/04/2022

Aprovado em: 14/10/2022